

WALTER SPALDING – DISCURSO DE POSSE COMO MEMBRO DO IHGRGS¹

Nosso consócio, Walter Spalding, cuja trajetória como intelectual, historiador, escritor e cidadão ilustre do Rio Grande do Sul é sobejamente conhecida, estaria completando, em outubro de 2021, 120 anos. Em razão disso, o IHGRGS prestou-lhe homenagem publicando sua biobibliografia, que demonstra claramente o alcance de sua trajetória profissional. Para seguirmos nessa homenagem ao seu trabalho, republicamos nessa edição seu discurso de ingresso no IHGRGS, na sessão que lhe deu posse com o membro do Instituto.

DISCURSO PROFERIDO PELO SR. VALTER SPALDING AO SER RECEBIDO COMO SOCIO EFETIVO DO INSTITUTO

Exm.º Sr. Representante de S. Excia. o Sr. Interventor Federal;

Exm.º e DD. Sr. Presidente do I. H. e G. do R. G. do Sul;
Ilustres membros da Diretoria;

Exmas. senhoras;

Meus amigos e senhores.

* * *

Antes de entrar no assunto que me impuz para esta solenidade, para esta coroação desvanecedora e confortante de um batalhador obscuro, cujo mérito único, – si é que tal se póde denominar mérito, – é a bôa vontade com que labuta nesse trabalho ingente de reconstrução do passado glorioso deste pedaço do Brasil imenso, deste meu, deste nosso querido Rio Grande, – antes, dizia, – quero agradecer-vos, senhores do Instituto, meus bondosos, meus generosos amigos, a escolha que de mim fizestes. Não a merecia. Sei o que sou, sei o que valho. Não a mereço. Mas vós o quisestes. Aceitei. Aceitei, concordei como o pobre envergonhado ao qual almas generosas vão levar um pouco de conforto material e espiritual: conforto da esmola e conforto da religião.

Vós fostes, senhores deste Instituto, as almas generosas, os bondosos e caridosos confrades de São Vicente de Paulo dêste amigo da História, que vai entrando, neste mo-

1 Este texto foi publicado originalmente na Revista do IHGRGS nº 48, em 1932

mento, no remanso salutar e benéfico do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul pela porta que vós lhe abristes. Obrigado, senhores, muito obrigado. Nem outra palavra achei para demonstrar-vos a minha gratidão sinão esta: obrigado, – fico ligado a vós por gratidão eterna.

* * *

A HISTORIA NA VIDA DOS POVOS

Ha quem diga que a Historia é a mais inutil das literaturas. Ha, mesmo, quem a condene levado por um falso sentimento de fraternidade. Para estes a Historia não deveria existir porque, segundo seus conceitos, nos faz retrogradar e, além disso, fomenta, entre os povos, lutas armadas, guerras, revoluções, desassossegos. Partem, estes, do falso principio, si é que tal nome se póde dar ás afirmativas de que a Historia é a conservadora de odios entre partidos, entre nações, entre povos inteiros. Principio errado, afirmativa absolutamente falsa.

A Historia, por exemplo, registrando em suas paginas uma guerra com todos os seus pormenores, imparcialmente, está longe de incentivar paixões, fomentar discordias, alimentar odios. Registrando-a, a Historia não faz mais que conservar aquele fato para exemplo futuro. É parte da tradição de um povo, porque nela pôs toda a sua alma em defesa da Patria e nela deixou parte de si com os que tombaram no campo da luta. Será uma lembrança querida, dolorosamente querida que servirá de lição, uma lição profunda. Será um motivo a mais para a conservação de laços de amizade, para a perpetuidade de uma paz fecunda.

Os condenadores da Historia, porém, nem sempre têm a verdadeira Historia, a Historia pura e simples, mas obras que de historia só tem o nome. Obras de fabricantes de historias, mas não de historiadores. E entre estes ha uma grande diferença, uma diferença enorme. O historiador estuda, compulsa obras, confronta documentos. O fabricante de historias lê uma obra qualquer sobre o assunto, ou sobre o caso, ou então passa os olhos por um documento qualquer, e não mais se impressiona com o que ha ainda a ler e examinar sabre o acontecimento. E sem mais preocupações, sem examinar os inumeros prós e contras que ainda existem, faz a sua historia,

uma historia sui-generis em que a fantasia predomina. Uma novéla, enfim, que em nada seria prejudicial si não revelasse nomes que existiram, povos e nações que existem. A mentira é dissolvente. A falsidade geradora de repulsas e represálias. Daí o mal dessa Historia sem Historia, fantasiada e parcial. E daí a .condenação por parte de literatos, pedagogos e sociólogos lançada à Historia. Por causa dos máus pagam também os bons. É uma triste lei da humanidade

Ha ainda, entre a verdadeira Historia e a historia fantasiada, um outro genero intitulado “literatura histórica”: compreende poesias, contos, novelas e romances. Mais suaves do que a Historia pura, são, apesar de envoltos em fantasias, menos prejudiciais que a historia falsa quando os autores são imparciais, isto é: relatam o fato historicamente exato embóra entremeados de fantasias. Exemplos: OS FARRAPOS, de Oliveira Bello, os romances historicos de Paulo Setúbal, os contos de Gustavo Barroso e outros. São cousas leves, cheias de fantasias, mas historicas. Requereram estudos, confrontos, pesquisas, indagações, critica.

A metodologia da historia se divide em três partes principais: a busca, ou pesquisa, a critica e a vida da historia. A Historia sem estes elementos, não é historia nem literatura historica: é literatura pura, é fantasia.

O novelista crêa, o historiador reconstrue.

Um sábio sociologo e historiador argentino, o P. José Maria Blanco, S. J., faz esta distinção do seguinte modo:

Para o novelista um dado é um raio de luz que desenvolve em sua fantasia creadora um conjunto de episódios harmonicos que constituem a trama de sua criação artistica. Para o historiador um dado é um elemento que talvez o ponha na pista de uma investigação, mas si os resultados da pesquisa não forem satisfatorios depois do exame e da critica, o historiador contenta-se, apenas, com anotar ou registrar o dado. E nada mais.

O escritor que não proceder dessa fórmula, poderá ser um grande romancista, um grande novelista, um grande poeta. Será um Alexandre Dumas, um Miguel Zévaco, um Bernardo Guimarães, um Machado de Assis, um Olavo Bilac. Mas não será jamais um Cantú, um Rio Branco, um Taunay, um Capistrano, um Rocha Pombo, um Souza Docca.

A Historia requer paciencia, calma, ponderação, im-

parcialidade. O romance, a novela, o conto, a poesia, prescindem de tudo isso. Basta-lhes a fantasia e um senso estético.

Feita esta distinção entre a Historia e a literatura de ficção, vejamos agora, quais os seus fins e o papel que representa na vida dos povos.

A Historia nada mais é, na acepção mais ampla do termo, que a representação, ou reprodução sistematica e fiel “dos fatos e dos acontecimentos de toda a especie realizados no passado.”

O passado é recordação. E si, como disse o poeta, “recordar é viver”, viver o passado é voltar áqueles tempos idos, é trazer o passado para o presente, e iluminá-lo com as suas lições e os seus exemplos. É ser, enfim, historiador.

O poeta cantando o seu passado é o historiador de si mesmo. Revive na saudade e procura, nela, tirar proveito para si, consolando-se. Aos outros deleita apenas. O historiador não. Contando o passado à luz de documentos autenticos e do testemunho dos coevos, de um povo, de uma nação, de um nucleo, revive aquele passado longínquo e mais instrui do que deleita, porque o papel da Historia é ensinar, e a Historia, como já foi dito e redito, é a mestra da vida.

Um povo sem historia é um povo sem alma. E só tem alma quem vive, pensa, medita, estuda, crêa.

Todos os povos tiveram e tem a sua historia quer escrita, quer oral. Desde as épocas edenicas, historiadas por Moisés. Os bárbaros da Europa, os selvícolas das Americas e da Africa. Entre todos encontramos a narração dos proprios feitos desde épocas remotas. Um costume, uma lenda, um cantico guerreiro ou religioso, e as narrações que se vem perpetuando de pai a filho, desde o início da tribu. Aparecem, então, envoltos em densas nuvens de mistério, poesia, lenda e religiosidade, os Atlas, os Hercules, os Gadir, os Manco-Capac, os Sumé, os Tamandaré e tantos outros, filhos de deuses, do sol, da lua, das estrelas, descobridores de terras, fundadores de imperios e de tribus.

Foi seguindo os seus exemplos, as suas lições de civismo e de fé, que todas as tribus se conservaram, aumentaram, progrediram, chegando algumas, como os Incas e os Aztecas, no Novo Mundo, a um grau invejavel de progresso e civilização.

Foi, encaprichados pela Historia de uns que a tradição

conservava e a lenda aureolava de feitos quasi divinos, que outros povos se formavam procurando seguir a mesma senda luminosa do progresso.

Mas foi sómente entre sedentarios, como o afirma Gonzálo de Reparaz, que se começou a crear uma verdadeira civilização.

O mais antigo e quiçá o mais precioso livro historico que conhecemos é a Biblia. Nela é que encontramos a infancia do mundo e do homem. Ha quem queira contestar a autenticidade dos fátos nela narrados, colocando-os no rôl das lendas. Mas a Biblia é um livro inspirado e, portanto, fiel, verídico no que afirma. Seus dados são exatos quando diz que o são. E somente, nesse livro preciosissimo, são falhos os dados genealogicos. Falhos a seu modo e para nós porque suas genealogias só se referem aos celebres e destacados. Os outros ficam fóra. Cita um personagem e depois um tataraneto com intervalos enormes, deixando sem menção quasi que uma geração inteira. Daí a impossibilidade de se fixar com precisão, e talvez mesmo aproximativamente, a idade do mundo e a idade do homem.

“Si atendermos à tradição católica, – diz o P. Blanco, – a idade do homem até nossos dias oscila entre 5686 e 8907 anos.”

Mas essa idade não é dogma, é simples tradição, resultado de estudos feitos somente sobre o texto bíblico que, como ainda afirma o já citado P. Blanco, “não fixa a antiguidade do homem”. E acrescenta: “os problemas que apresenta a asiriologia, a egitologia, bem como as cronologias chinezas e caldaicas, mais que problemas exegeticos reduzem-se a problemas historicos que devem ser elucidados, não confrontando as cronologias bíblicas que podemos dizer que não existem ou são inteiramente duvidosas, mas sim baseados na documentação que nos ofereçam a historia e a prehistoria examinada e estudada com todo o rigor da crítica.

Mas esse rigor não é observado, de modo que as diferenças entre um e outro autor são, simplesmente, desproporcionais, o que prova que nenhum, talvez, estuda o assunto com seriedade. Afirma por afirmar, gratuitamente. Assim, por exemplo, no quadro citado por Boule, incontestavelmente um dos maiores estudiosos no assunto, vemos que Arcelin e Ferri dão, era quaternaria, dez mil anos, – tempos post glaciais,

quatro a cinco mil anos, enquanto Forel dá cem mil anos para os tempos post-glaciais, e Penck quinhentos mil a um milhão para a era quaternaria, quinhentos mil a um milhão para a época glacial e vinte mil para os tempos post-glaciais.

Ora essa diferença, podemos dizer absurda, prova-nos que não levam muito a sério esses sábios arqueólogos e geólogos, o estudo da idade do homem e do mundo. Citam cifras a seu bel prazer, assim como quem compra um bilhete da loteria: um numero por palpite.

É por essas e outras cousas semelhantes que se ouve, não raro, dizer que a Historia é a ciencia dos palpites, das paixões políticas, das simpatias de raça, e predileções pessoais por este ou aquele herói ou pseudo herói.

Mas não é bem assim. Não são os historiadores parciais, historiadores de simpatias, os mestres. Estes são os outros, os que seguem á risca a metodologia da Historia, pondo de lado sentimentos, paixões e simpatias. O historiador não deve ter nacionalidade, não deve ser politico. O seu fim unico deve ser A VERDADE. Só ela deve norteá-lo, só ela deve brilhar em todas as obras que escrever. Mas si tal não fôr possível, resta-lhe o recurso da interrogação. O caminho indicado mais ou menos para que outros pesquisem e elucidem o fáto. Deve-se notar ainda que a Historia não é obra exclusiva deste ou daquele historiador, mas obra de colaboração, para que seja perfeita e completa, e possa ser, realmente, “a mestra da vida”.

O século XIX foi o maior no desenvolvimento da Historia, e o que mais influiu sobre o “espírito científico e nacional, transformando profundamente as ciencias antigas, instituindo outras, despertando nacionalidades que durante muito tempo viveram desmembradas e subjugadas, e até contribuindo para a formação de nações novas.”

Exemplos flagrantes da influencia da Historia na vida dos povos são, por exemplo, as nações balcânicas de antes da grande guerra, a Alemanha e a Italia de nossos dias.

Nestes dois ultimos países a Historia palpita em quasi cada um de seus atos. A Historia lhes disse que era preciso ser forte para vencer no mundo. E êles procuram ser fortes. A Historia lhes disse que “a união faz a força”, e êles, cada um de per si, unidos como um só homem, avançam para a senda do progresso, despertando inveja e curiosidade.

Os Estados Unidos da America do Norte são outro exemplo da influencia da Historia. A Historia dos países vizinhos, sempre em revoltas, aos trancos e barrancos, ensinou-os que é preciso a paz e um verdadeiro sentimento de patriotismo, para atingir a um gráu maximo de cultura, de senso pratico, de felicidade e de riqueza. E tudo isso os Estados Unidos o conseguiram indubitavelmente.

Mas não precisamos ir mais longe, buscar exemplos da influencia da Historia. Olhemos o Rio da Prata: a Argentina e o Uruguai. Sacrificados, outróra, por ambições caudilhescas, são hoje verdadeiros exemplos a seguir. A Historia os ensinou, e as lições da Historia aproveitaram-lhes. No nosso Brasil também são muitos os exemplos da influencia da Historia, não no conjunto, mas em alguns Estados, isoladamente. Pernambuco, Baía, Rio de Janeiro, por exemplo. Em particular menciono o nosso Rio Grande do Sul que é um exemplo vivo, revivendo cada dia que passa uma pagina brilhante de sua Historia heroica e patriotica.

Oprimido, soube, brilhantemente desvencilhar-se das opressões, mostrando que também sabia querer e tinha poder.

Tido por separatista, ergueu alto a bandeira da Patria e provou ao Brasil e ao mundo que ninguem era mais brasileiro do que o gaúcho. Como um só homem ergueu-se, mais de uma vez, em defesa da Patria, e como um só homem, – o episodio é de ontem, – ergueu-se em defesa da liberdade pátria.

É esta historia brilhante e gloriosa que o Instituto Historico se propõe especialmente estudar. Estudar e divulgar para exemplos a seguir e lições a tirar, exemplos e lições de que muito precisa este nosso Brasil.

Quiséra dizer ainda algo sobre este Instituto. Mas não quero repetir-me. O que tinha a dizer já disse num dos numeros de sua excelente Revista, verdadeiro arquivo de preciosidades, que tanto deve a este beneditino da nossa Historia que é o Dr. Eduardo Duarte.

Mas não me é licito terminar estas descoloridas e quicá inuteis considerações, sem frisar, neste mesmo terreno, o valor do folclore, e a necessidade que temos de estudá-lo com carinho e afincio.

É um dever não só porque os estatutos deste Instituto o prescrevem, mas também, e principalmente, porque o folclo-

re é, por assim dizer, a alma popular de um povo.

O folclore é o umbigo de uma nacionalidade, e seus cantos e contos os primeiros vagidos de uma nação. É no folclore que se encontra o início de uma nacionalidade e é o folclore o melhor subsídio para o estudo da psicologia de uma raça, ou, como o quer Oliveira Viana, de “um tipo”. O folclore é, pois, História também. História e ciência.

É a mais nobre e a mais progressista das ciências humanas, – escreveu Afrânio Peixoto, – pois que é a mais humana na sua veracidade, aproximando os homens e lhes mostrando a humanidade deles.”

E que temos nós feito nesse terreno tão rico? Pouco, ou nada. Causa esparsa aqui e acolá.

Simões Lopes Neto, Cezimbra Jacques e Roque Calage foram os únicos, que me consta, que o levaram mais a sério, tentando algo nesse sentido. Mas pouco fizeram. Pouco deixaram.

Simões Lopes Neto e Cezimbra Jacques, simples coletâneas nos legaram, e Roque Calage um ensaio, ainda que rico, mas ensaio apenas.

Um estudo sério, acurado, preciso, não foi feito ainda. Não temos um Afrânio Peixoto, um Alberto Faria, e nosso Blaise Cendrars, – o autor da ANTHOLOGIE NEGRE e tantos outros trabalhos de valor, – não nasceu ainda, creio.

Falta de gosto? Falta de tempo? – Ambos, talvez. Mas é necessário cultivar o folclore. Urge aproveitar esse patrimônio tão rico e tão cheio de encantos na sua simplicidade não raro chã e nos seus erros de português, nas suas sincadas gramaticais.

Aí é que está, porém, a beleza da obra. Aí é que está a sua veracidade, a sua sinceridade. Diz o que pensa e o que sente sem procurar termos, sem rebuscamentos. É espontânea. Bróta do coração do povo com a alvura do lírio dos charcos. A lama não os macula. Nasce no meio dela mas não se contaminam.

Alberto Faria em seu livro ACCENDALHAS dedica doze páginas a uma simples quadrinha popular portuguesa, e também brasileira e, como tal, “de maior interesse folclórico”. Essa quadra, simples e bela, ouviu-a Coelho Neto, cantada ao som da viola sertaneja, nos sertões do Ceará.

A quadra portuguesa é esta:

“No ventre da Virgem Mãi
encarnou divina graça:
entrou e saiu por ela
como o sol pela vidraça.”

Carolina Michaelis de Vasconcelos, que a cita, presume-a obra de “um espírito culto, e incorporada mais tarde pelo populario português. O fato é que esta quadra tem grande numero de variantes.

A cearense é esta:

“O só travessô vidraça
sem tocá nem batê nela:
assim a Virgem Maria
pariu e ficô donzêla.”

A semelhança é grande e mostra a afinidade que ha entre um e outro povo.

Aqui no nosso Rio Grande, faz muitos anos, lá pela Serra, ouvi cantar, ao som de uma gáita de fôles, quadras que hoje encontro com variantes e semelhanças flagrantes no cancionero popular do Brasil. Entre estas a seguinte que, por achar original, registei:

“O sol pássa pelos vidro
sem deixá nele o sinal;
o Fi(lh)o de Santa Maria
nasceu sem le fazê mal.”

Não ha, aí, o mesmo traço psicológico e religioso da quadra portuguesa e sua irmã cearense? E não será isto uma prova da afinidade destes três grupos etnicos socialmente tão diversos, como o português, o cearense e o gaúcho?

Coincidencia, importação, tradição?... Talvez coincidência, talvez importação. Mas é mais certo ser tradição. Tradição açoriana para nós, e tradição reinol para o cearense. Em todo o caso um traço de união.

É, pois, bem verdadeiro o que a esse respeito escreveu Afranio Peixoto:

“O folclore,... ciencia e não prevenção ou estultice, veio reunindo documentos e provas, e aí está provada a identidade psicológica, ou alma comum da humanidade. O mesmo provérbio, a mesma trova, o mesmo conto, a tradição, o rito, o costume... Os mesmos, ou correlatos, na Índia, no Egito, na Grécia, na Itália, na Ibéria. Em Herodoto, em Homero, como nos papiros, nas inscrições cuneiformes. Recentes ou antigas, nos Mongóis, Chins, Nipões, Boschimanos, Aztécas, Incas, Péles vermelhas, Guaranis... O folclore tende a ser um instrumento político de igualdade. A identidade psicológica desfaz os erros milenares, de diferenciação somática dos povos. O folclore é, assim, a história internacional e eterna.”

Assim é, realmente. E essa afinidade vem corroborar a afirmação de Oliveira Viana quando diz que não existe uma raça verdadeira no órbe, pois a raça requer pureza. E como todos os povos têm misturas, não pôde, nenhum dêles, formar uma raça, mas sim etnias, “tipos antropológicos”. Todos os “povos” têm qualquer coisa um do outro. Um quê qualquer que muitas vezes não conhecemos, não distinguimos bem mas existe, e existe, na sua quasi totalidade, no folclore.

Nós aqui no Brasil temos, por exemplo, um grande número de lendas bastante semelhantes ao NEGRINHO DO PASTOREIO. Entretanto esta lenda é original riograndense. A única riograndense, como o quer Roque Calage. Ainda aí se vê, pois, a afinidade existente entre um e outro Estado.

Ha uma, porém, de que não conheço símile no resto do Brasil. É a lenda do arroio do Caverá, aquele arroio das águas negras.

Tanto esta como a do Negrinho do Pastoreio, nos falam de negros sacrificados. Palpita em ambas o mesmo sentimento de piedade do gaúcho, e aquele mesmo horror do cativo, pois é sabido que a província do Rio Grande foi a que menos escravos possuía.

Uma dessas lendas celebra o negrinho que morreu de judiaria comido por formigas. A outra o negro que morreu defendendo a sua sinhá da agressão brutal do esposo cruel e féro.

Ha em ambas o mesmo traço psicológico do gaúcho. E é todo assim o folclore, – a poesia, a tradição e a lenda, – do nosso pago: simples, pura e bela, embóra trágica às vezes, revelando a alma sentimental e boa, o caráter altivo e nobre da

nossa gente.

E porque não havemos, pois, de recolher esses tesouros? E porque não estudá-los carinhosamente?

Senhores.

Lutemos, trabalhemos pela prosperidade desta terra, pela grandeza deste povo nosso heroico e nobre.

Lutemos e trabalhemos cultivando as suas tradições, o seu folclore, a sua historia tão béla e grandiosa.

* * *

Rio Grande! Terra de meu berço, terra dos meus entes mais queridos! Tu que tens em tua Historia e em teu folclore paginas de inaudita beleza; tu que sempre foste o guardião da Patria; tu que tanto sangue derramaste em defesa de teus direitos e em defesa da Patria; tu que sempre foste o campeão da liberdade; tu que gravaste um dia na tua bandeira tricolor – *vincere aut pro Patria mori* – vencer ou morrer com a causa da Patria; tu, terra bemdita, terra santa, terra gloriosa, recebe, nestas palavras sem brilho do mais humilde e obscuro dos teus filhos, o mais ardente tributo de amor, a mais santa jura de fidelidade eterna.

Vincere aut pro Patria mori.

Disse.